

Riccardi, A. (2008, 2004). *A Paz Preventiva. Esperanças e Razões num Mundo de Conflitos*. São Paulo: Cidade Nova

Fernando Canastra
fcanastra@ucm.ac.mz

Andreia Riccardi (1950), de nacionalidade italiana, é Professor de História Contemporânea na Terceira Universidade de Roma. Para além da sua actividade propriamente académica, tem vindo, ao longo dos últimos trinta anos, a desenvolver um trabalho de mediação social e institucional perante os múltiplos conflitos que proliferam um pouco por toda a parte. Neste contexto, pretende-se, sobretudo, destacar o seu contributo no quadro das negociações do conflito entre a Frelimo e a Renamo (Moçambique), na década de oitenta.

A obra, que agora se apresenta, procura trazer para a ordem do dia algumas das razões que, no entender de Andreia Riccardi, devem sustentar uma cultura de paz, num mundo atravessado por conflitos e, por vezes, de tensões político-militares. Estruturada em doze capítulos, a obra pretende, essencialmente, dar conta de um questionamento de fundo: a Paz, para além das proclamações teóricas entusiasmadas ou do pessimismo reinante, constitui uma responsabilidade política, ética e cívica que nos deve interpelar e comprometer a todos.

Entrando, mais especificamente, no cerne da obra, apercebemo-nos que o autor não fica, apenas, na sua leitura sócio-histórica, mas procura, através de uma visão multi-referencial, conjugar o seu capital académico com a sua experiência e vivência cristãs. O resultado desta síntese, nem sempre fácil de interpretar, coloca-nos perante uma leitura problematizadora de alguns discursos ideológicos dominantes: os regimes democráticos mono-partidários, o neoliberalismo económico e político, o etnocentrismo e os eurocentrismos culturais, os fundamentalismos religiosos, entre outros.

É neste contexto que Andreia Riccardi vai, ao longo dos seus doze capítulos, fazendo algumas incursões transversais, procurando elencar as principais causas que, do seu ponto de vista, tendem a potenciar os conflitos nas sociedades contemporâneas.

Se pensarmos no papel dos Estados, particularmente nalguns contextos africanos, nota-se que a cultura democrática dominante ainda continua a ser, apenas, um discurso tipo-ideal, mas que não gera implicações contextuais: “O orgulho dos Estados independentes e descolonizados desmoronou na miséria de não poucas tiranias, em que os pobres não têm a protecção do Estado e as riquezas não produzem benefícios para os pobres” (p. 35).

Por seu lado, a globalização, interpretada a partir de visões reducionistas, enfatizando o lado ideológico do intitulado “neo-liberalismo”, a par da crescente fragilização dos Estados-nação, tendem a reforçar as desigualdades daqueles que não têm voz: “O mundo inteiro, o mundo da globalização, mirou na economia, deixando de lado grandes problemas humanos (sim, humanos é como os defino, como o problema da guerra e dos seus terríveis sofrimentos)” (p. 45).

Numa outra vertente, e contrariando o espírito universalista da tradição e cultura europeias, hoje tendem a emergir vozes “eurocêntricas”, preconizando o “fecho” (isolamento) das fronteiras aos povos que diariamente chegam ao Sul da Europa (provenientes de África):

“Ganha corpo uma doutrina fundamentalmente «isolacionista», que não faz parte de nossa cultura europeia. Contudo, o bom senso e a interdependência do mundo demonstram que uma concepção desse tipo, além de injusta, seria também imprudente para os europeus. A crise do Hemisfério Sul – especialmente africana – acabará inevitavelmente desembocando na Europa, como já demonstra o fluxo ininterrupto que atrai tanta gente do Sul para a Europa” (p. 121).

Como combater esta nova ideologia? Andreia Riccardi considera que, apenas, pelo diálogo poderemos construir uma cultura de paz e de convivência: “O diálogo não é perda de identidade. Sem identidade não existe diálogo. Com efeito, ele é a arte paciente de escutar-se, de entender-se, de reconhecer o perfil humano e espiritual do outro.” (p. 220).

O diálogo, neste sentido, inscreve-se no exercício de uma “razão comunicacional”, que, por um lado, reconheça o valor das práticas culturais e religiosas de cada comunidade ou país e que, por outro lado, potencie a emergência de uma ética da alteridade e de um compromisso à escala planetária.

Trata-se, por conseguinte, de aprofundar esta postura dialógica, aprendendo a viver juntos com as alteridades que nos constituem:

“A condição humana está se tornando cada vez mais a convivência. No mundo contemporâneo, o estrangeiro torna-se vizinho. Hoje, num mundo globalizado, pessoas de fé, etnia e cultura diferentes convivem nas mesmas cidades, diante dos mesmos cenários, nos mesmos horizontes nacionais” (p.218).

Se pensarmos no papel das Religiões (Capítulo 11 - “O Espírito de Assis”), o autor realça o potencial, nem sempre reconhecido, da pedagogia cívica que estas podem vir a exercer com mais convicção:

“As religiões têm uma responsabilidade decisiva em evitar os conflitos e na construção da convivência. O diálogo delas tece uma trama pacífica, repele as tentações de dilacerar o tecido civil, de manipular as diferenças religiosas para fins políticos. Mas isso exige fé e ousadia dos homens e das mulheres de religião. Exigem coragem. Exige que, com a força moral, com a piedade, com o diálogo, sejam abatidos os muros. A tarefa das religiões de educar para a arte da convivência pode ser grande” (p. 219).

Em síntese, a obra que queremos dar a conhecer aos nossos leitores, não obstante ter sido publicada, originalmente, em 2004, continua a interpelar, hoje, a nossa sociedade para a necessidade de construirmos um novo “contrato ético” que saiba, ao mesmo tempo, reconhecer os direitos culturais das comunidades e dos povos e que procure, também, potenciar uma consciência planetária, capaz de gerar uma cultura de interdependência equilibrada, responsável e justa.

Todavia, para Andreia Riccardi este desafio passa inevitavelmente por uma outra concepção do que entendemos por Paz: “É algo que aprofunda suas raízes no sentido da vida e na própria fé. A paz está no cerne do ser cristãos e do ser homens e mulheres” (p. 231).